Padre António Vieira
Do Mito de Ourique à Utopia do Quinto Império

José Manuel Azevedo e Silva
Universidade de Coimbra

1. Dados biográficos do Padre António Vieira

O Padre António Vieira é, sem dúvida, uma das maiores figuras da História de Portugal e, porventura, a mais marcante do século XVII. Vejamos, de forma sucinta, os seus principais traços biográficos.

Filho de uma família modesta de servidores do Paço, neto de uma avó negra ou mulata, nasceu em Lisboa, em 6 de Fevereiro de 1608. Aos oito anos de idade, seguiu com seu pai para o Brasil, que foi exercer funções administrativas na cidade da Baía. Aí prosseguiu os seus estudos no Colégio dos Jesuítas, onde adquiriu uma sólida formação de latinista e a sua invejável destreza dialéctica.

Aos 15 anos, em 1623, António Vieira entrou na Companhia de Jesus e, apreciando os seus superiores a sua vivacidade intelectual, foi encarregado, pelo Provincial, de redigir, em latim, a carta anual a enviar ao Geral da Companhia. Em 1634, foi ordenado sacerdote.

A partir de então, tornou-se defensor de grandes causas: aprendeu a língua geral dos indígenas, o tupi, e virá mais tarde a redigir um catecismo nessa língua autóctone; tornou-se missionário e defensor dos índios; lutou, pela palavra, contra a ocupação do nordeste brasileiro pelos holandeses, tendo ficado célebre, a este respeito, o sermão *Pela vitória das nossas armas*;

em 1641, integrou a delegação brasileira, chefiada por D. Fernando de Mascarenhas (filho do primeiro vice-rei do Brasil, D. Jorge de Mascarenhas), que veio ao Reino saudar a coroação de D. João IV e trazer-lhe a adesão e o apoio dos colonos brasileiros; foi conselheiro do rei, tendo sido encarregado de executar várias acções diplomáticas secretas com alguns países europeus, no sentido de os convencer a apoiarem a causa da Restauração da Independência de Portugal; tomou partido pela deposição de D. Afonso VI, face à sua incapacidade para ser rei, e pela consequente coroação de D. Pedro II e, por tal, foi desterrado pelo todo-poderoso Conde de Castelo Melhor para o Porto e para Coimbra; em representação da Companhia de Jesus, irá a Roma com a missão de obter a canonização do Padre Inácio de Azevedo, Superior dos «quarenta mártires jesuítas», chacinados no mar das Canárias pelo corsário francês Jacques de Soria, em 15 de Julho de 1570, quando viajavam para o Brasil; defendeu a situação dos cristãos-novos, pugnando pela sua integração na sociedade portuguesa e pela abolição da pena de confiscação dos seus bens por delito de judaísmo.

Esta última questão suscitou a ira do Tribunal do Santo Ofício, que chegou a acusá-lo de heresia e a ordenar a sua prisão. Por outro lado, esta querela com a Inquisição criou-lhe inimizades e mal-estar dentro da sua própria Ordem, de tal modo que chegou a ser decidida pelo Geral a sua expulsão da Companhia de Jesus, a qual só não viria a concretizar-se, graças à intervenção de D. João IV.

Como solução de compromisso, teve de aceitar ir para o Maranhão dirigir as missões jesuítas. Na viagem, passou por Cabo Verde, onde ficou admirado com uma população de negros civilizados, falando português. Chegado ao Maranhão, uma vez mais vai pugnar pela defesa dos índios contra a ambição dos colonos que os escravizavam de forma ilegítima. Será, aliás, o ambiente do Maranhão que lhe inspirou notáveis sermões, como o das *Mentiras do Maranhão* ou o de *Santo António aos Peixes*. Foi ainda na solidão amazónica, a bordo de uma canoa, que redigiu a primeira versão da sua *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo*, de que mais adiante trataremos com algum pormenor[1].

[1] *Dicionário de História de Portugal*, Direcção de Joel Serrão, vol. VI, "Vieira, P.e António", pp. 298-302.

Sobre a legitimidade ou não da escravatura dos índios, convirá sublinhar que, uma lei de D. Sebastião, de 20 de Março de 1570, ratificada e actualizada pelos seus sucessores, proibia a escravidão dos índios do Brasil, salvo em quatro situações excepcionais, em que era lícita a sua escravização: os que fossem tomados em guerra justa; os que já fossem escravos de outros índios; os que impedissem a pregação evangélica; os que estivessem prestes a serem comidos pelos canibais[2].

Além de mestre da palavra, o Padre António Vieira foi exímio artista da escrita. Não admira, pois, que Fernando Pessoa o tenha cognominado «Imperador da Língua Portuguesa». Além da célebre *História do Futuro,* deixou-nos escritos os seus inspirados *Sermões*, as suas judiciosas *Cartas* e a obra exegética *Clavis Prophetarum*, iniciada quando esteve em Roma, na qual procura fazer uma interpretação profetista da Bíblia.

Como vimos, o Padre António Vieira levou a sua vida de jesuíta, de missionário, de pregador, de diplomata, de escritor, "saltitando" entre o Reino e o Brasil, com idas em cumprimento de missões delicadas aos países do norte da Europa e a Roma. Morreu na Baía, em 18 de Julho de 1697, com 89 anos de idade.

2. O Mito de Ourique

Uma vez que este estudo tem por título *Do Mito de Ourique à Utopia do Quinto Império,* convirá esclarecer e distinguir, de forma simples, o que se entende por *mito* e por *utopia*. O mito assenta no passado e tem sempre um fundo de verdade; a utopia projecta-se no futuro e incorpora os sonhos, os desejos, as esperanças, as aspirações de um povo ou de uma comunidade.

Então, onde está o fundo de verdade do mito de Ourique?

Reza a História que D. Afonso Henriques, com os seus homens, venceu o numeroso exército de Ismar e de mais quatro reis mouros, na batalha de Ourique, a sul do Tejo, em 25 de Julho de 1139, dia de Santiago.

[2] José Manuel Azevedo e Silva, "O Modelo Pombalino de Colonização da Amazónia", in *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, vol. 3, Coimbra, Palimage Editores – Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2003, p. 161.

É ainda historicamente aceite que os seus soldados o terão aí aclamado rei. Na verdade, a partir de então, D. Afonso Henriques passará a intitular-se rei de Portugal[3].

Este acontecimento tem todos os ingredientes para gerar a sua mitificação. Por um lado, um príncipe, com um reduzido número de soldados, venceu o numeroso exército dos cinco reis mouros, só explicável pela intervenção de forças sobre-humanas, ou seja, pelo fenómeno que virá a ser traduzido por *milagre de Ourique*; por outro lado, a aclamação de D. Afonso Henriques como primeiro rei de Portugal, o que se inscreve perfeitamente na tipologia de *mito fundador* ou *mito das origens.*

Contudo, a memória do espantoso feito de Ourique atravessou quase três séculos sem ser objecto de mitificação. Só depois da batalha de Aljubarrota e da conquista de Ceuta começa a aparecer esboçada, de forma escrita, a elaboração do *milagre de Ourique*. A mais antiga referência ao *mito de Ourique* surge, em 1416, num texto latino-medieval conhecido por *Livro dos Arautos - De Ministerio Armorum*[4]. Três anos depois, preenche três dos 166 capítulos de uma *Crónica* anónima, da Biblioteca do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra[5]. O discurso ideológico do mito de Ourique assume papel de relevo na *Oração de Obediência* que Vasco Fernandes de Lucena, enviado por D. João II a Roma, proferiu ao papa Inocêncio VIII, em 1485. Mas a forma mais elaborada do mito de Ourique aparece-nos na *Crónica de El Rei D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, escrita em 1505,[6] e pode resumir-se do seguinte modo:

[3] Sobre o mito de Ourique e a formação do Império Português, veja-se a sólida tese de doutoramento de Alexandre António da Costa Luís, *Na Rota do Império Português. Da Formação na Nacionalidade ao Apogeu Imperial Manuelino,* Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008, 828 páginas.

[4] *Livro dos Arautos. De Ministerio Armorum,* Script, anno MCCCCXVI, ms. Lat. 28, J. Rylands Library (Manchester), estudo codicológico, histórico, literário, linguístico, texto crítico de Aires Augusto do Nascimento, Lisboa, 1977.

[5] Trata-se da *Crónica de Portugal de 1419*, Edição crítica com Introdução e Notas de Adelino de Almeida Calado, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998, pp. 17-25. O mito de Ourique é narrado nos capítulos 12, 13 e 14.

[6] Duarte Galvão, *Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques (1505),* Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1986, Caps. XIII, XIV, XV, XVI, XVII e XVIII, pp. 49-71.

Fig. 1 - Aparecimento de Cristo a D. Afonso Henriques na véspera da batalha de Ourique.

Fig. 2 - Coroação de D. Afonso Henriques por Cristo.
Dois anjos transportam os símbolos das quinas e outro anjo a coroa real.

O jovem príncipe D. Afonso Henriques partiu de Coimbra com 1.000 cavaleiros e 10.000 peões[7] para combater os mouros ao sul do Tejo. Perante o desafio dos cristãos, o rei islamita Ismar conseguiu reunir «tamta gente em sua ajuda de mouros daaquem e daalem mar, e outras gemtes barbaras, que era imfijmda a multidam delles, em tamta desigualamça dos christãos, que se ha por certo seerem pouco menos de cemto pera huũ: amtre os quaaes ueheram quatro reis outros, cujos nomes nam achamos escriptos»[8]. Entretanto, D. Afonso Henriques recebeu a visita do velho ermitão de Castro Verde que se apresentou como mensageiro de Cristo e que o mesmo Cristo o predestinara para rei do povo eleito, o Povo Português, e que estaria a seu lado na batalha. Prenunciou ainda que o Senhor haveria de lhe aparecer.

Perante «a gramde multidam dos mouros sem comto», os soldados portugueses «requereram ao Primcipe dom Affomsso que escusasse a batalha». Este mandou reunir os seus homens e ali lhes fez uma longa fala, no decurso da qual, entre muitas outras coisas, disse o seguinte: - «Meus bõos uassallos e amigos, mujto uos deue de lembrar a temçam e desejos com que partimos de Coymbra, pera seruir a Deus e pugnar por sua samta fee, comtra estes seus jmijguos e nossos...»; e continua: «Nos pellejamos por Deus, polla fee, pella verdade. Estes arrenegados que ueedes, pellejam comtra Deus, pella falsidade». Conclui com as seguintes palavras, arrebatadoras e convincentes: «meus bõos caualleiros, tenhamos mujta fee, mujta esperança, em nosso Senhor: o dia de amanhãa em que com sua graça uemceremos a batalha, sera de tamto prazer pera nos e nos apresenta tamta gloria e homrra pera o outro mumdo e pera este, que cuydamdo no premio se faz ligeiro o trabalho»[9].

Estávamos nas vésperas do dia de Santiago. Ao cair da tarde, apareceu na tenda de D. Afonso Henriques o referido ermitão e disse-lhe: «Primcipe dom Affomsso, Deus te mamda per mim dezer, que polla gramde uomtade e desejos que tẽes de o seruir, quer que tu sejas ledo e esforçado: elle te fara de menhãa uemcer elRey Ismar e todos seus gramdes poderes: e mais te manda per mym dizer que quando ouuyres tamjer huũa campãa que na hirmida estaa,

[7] *Ibidem*, Cap. XVI, p. 63.
[8] *Ibidem*, Cap. XIII, p. 52.
[9] *Ibidem*, Cap. XIV, pp. 53-57.

tu sahiras fora, e elle te aparecera no ceo». Depois de o ermitão sair da sua tenda, D. Afonso Henriques pôs os joelhos em terra, rezou longamente uma prece a Deus e à Virgem, encostou-se e adormeceu[10]. Sonhou, certamente, com a certeza da vitória sobre os mouros, a travar na manhã seguinte, pois tinha Cristo a combater a seu lado.

O cronista Duarte Galvão prossegue a sua narrativa nos seguintes termos: «quamdo foi huũa mea ora amte manhãa, tamgeosse a campãa como ho jrmitam dissera, e o Principe sayosse fora de sua temda, e segundo elle meesmo disse, e deu testimunho em sua estoria, uiu nosso Senhor em cruz, na manera que dissera ho jrmitam: e adorouho muy devotamemte com lagrimas de gramde prazer»[11].

Estamos na manhã do dia de Santiago, 25 de Julho de 1139. Logo que Nosso Senhor desapareceu no Céu, começaram os preparativos e a disposição das tropas para a batalha, formando um quadrado[12], como relata o cronista, nos seguintes termos: «partio o Primcipe a sua gemte em quatro azes, na primeira meteo trezemtos de cauallo e tres mill homẽes de pee, e na re[ta] guarda fez outra az em que hiam outros trezemtos de cauallo e tres mill homẽes de pee, huũa das allas fez de duzemtos de cauallo e dous mill de pee; outra alla fez doutros tamtos, que eram por todos dez mill homẽes de pee e mill de cauallo»[13]. Como se viu atrás, pela «desigualamça» entre os dois exércitos, os mouros seriam cerca de cem mil[14]. Antes de se lançarem na batalha, os nobres cavaleiros e os soldados portugueses convenceram o Príncipe que permitisse que o alçassem por rei. A este propósito, diz o cronista - «todos ho leuantaram por Rey braadamdo com gramde prazer e allegria: Reall, Reall, por elRey dom Affomsso Hamrriques de Portugall»[15].

[10] *Ibidem*, Cap. XV, p. 59.

[11] *Ibidem*, p. 60.

[12] Face ao que nos diz o cronista Duarte Galvão, a «táctica do quadrado» que se diz ter sido usada pela primeira vez na batalha de Aljubarrota, por influência dos ingleses, já tinha sido posta em prática por D. Afonso Henriques.

[13] Duarte Galvão, *ob.cit.*, Cap. XVI, p. 63.

[14] Os fundamentos legitimadores do Milagre de Ourique tenderão a amplificar-se. No século XVIII (1753), Dionísio Teixeira de Aguiar publicará *A Relaçam Verdadeira da Appariçam de Christo Senhor Nosso, no Campo de Ourique, ao Santo Rey Dom Affonso Henriques, e da Batalha, em que venceo cinco Reis, e Quatrocentos mil Mouros.*

[15] Duarte Galvão, *ob. cit.*, p. 65.

Seguiu-se a dura batalha contra os mouros, assim relatada pelo nosso cronista Duarte Galvão: - «Foy esta batalha tam bravamente pellejada, que durou atee oras de meo dia sem tomar fim, seemdo ho dia tam queemte, e poo tamto naquelle tempo, que cada huũa destas cousas com pouca mais afromta os deuera camsar: mas nosso Senhor que era com elRey dom Affomsso, tam boom e esforçado caualleiro e com os seus, lhes deu esforço como nem com nenhũa destas, nem com tamta multidam de mouros afraquassem, damdolhe da batalha, e de tudo, tam gramde uemcimento, quall se nam lee de tam poucos e tamtos em batalha campall aprazada. Foy assi uemcido elRey Ismar e os quatro Reis que uijnham com elle, e mortos na pelleja muy gramde comto de mouros»[16].

O discurso ideológico do mito de Ouriquè, no sentido da formação e consolidação de uma memória nacional, continuará, depois de Duarte Galvão, a aparecer em autores quinhentistas, como Gil Vicente, Sá de Miranda, António Ferreira, João de Barros, Damião de Góis, André de Resende, Jerónimo Osório, Luís de Camões, em *Os Lusíadas* (Canto III, Ests. 53 e 54)[17]. Terá no século XVII, como expoente máximo, entre vários autores, o Padre António Vieira, como veremos de seguida, e continuará nas centúrias seguintes até Fernando Pessoa, em *Mensagem.*

3. A Utopia do Quinto Império

A ideia que o Padre António Vieira designou de *Quinto Império do Mundo* tem raízes bíblicas, nomeadamente nas palavras do profeta Daniel, que viveu no tempo de Nabucodonosor, imperador dos assírios. Considerou o Império Assírio, o império de ouro, e profetizou que a este sucederiam mais três: o império da prata (o dos Persas), o império do cobre (o dos Gregos) e o império do ferro (o dos Romanos)[18]. A sua longa gestação passará pela

[16] *Ibidem,* Cap. XVII, p. 68.

[17] Ana Isabel Buescu, *Memória e Poder, Ensaios de História Cultural (Séculos XV-XVIII),* Lisboa, Edições Cosmos, 2000, p. 17.

[18] António Vieira, *História do Futuro,* Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982 (Livro Primeiro, Caps. Primeiro e Segundo, onde são narradas a primeira e a segunda profecias de Daniel, pp. 243-260).

profecia de uma Terceira Era do Mundo, a Era do Espírito Santo, proclamada por Joaquim de Fiore e interiorizada pelos *espirituais franciscanos*, e reforçar-se-á com a persistência do messianismo que, em Portugal, quase se confunde com o sebastianismo, corporizado nas trovas do Bandarra.

Porquê Quinto Império?

Porque viria, nos tempos modernos, na sequência dos quatro grandes impérios da antiguidade, referidos, como vimos, pelo profeta Daniel: o assírio, o persa, o grego e o romano. Já Camões prenunciara à Pátria Portuguesa a missão de edificar o Quinto Império, nos seguintes versos:

«Que por ela se esqueçam os humanos,
De Assírios, Persas, Gregos e Romanos».
(*Os Lusíadas,* Canto I, Estrofe 24)

O Padre António Vieira, na sua sublime obra, que intitulou *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo,* teorizará, de forma magistral, a profecia-utopia do Quinto Império. No rasto do messianismo bíblico, do mito de Ourique e das trovas do Bandarra profetiza para Portugal a missão de presidir ao *Império Universal Cristão*. Dito de outro modo: Portugal teria sido escolhido por Deus para ostentar a coroa imperial da História do Futuro e do Quinto Império do Mundo, na pessoa de D. João IV (que para tal haveria de ressuscitar), transmissível aos monarcas seus sucessores.

Nesta sua obra, Vieira evoca os grandes feitos dos portugueses, desde o milagre de Ourique, à assombrosa gesta dos Descobrimentos e à Restauração da Independência de Portugal, em 1640. Ouçamos as suas palavras.

Na reelaboração que faz do mito de Ourique, escreve: - «Antes do nascimento de Portugal, apareceu o mesmo Cristo a El-Rei (que ainda o não era) D. Afonso Henriques, e lhe revelou como era servido de o fazer rei e a Portugal reino; a vitória que lhe havia de dar em batalha tão duvidosa, e as armas de tantas glórias com que o queria singularizar entre todos os reinos do mundo. E o embaixador e intérprete deste e de outros futuros, que depois se viram cumpridos, foi aquele velho desconhecido e retirado do mundo, o Ermitão do campo de Ourique, para que conhecesse e não pudesse negar Portugal que devia a Deus a vitória e a coroa, e que era todo seu desde

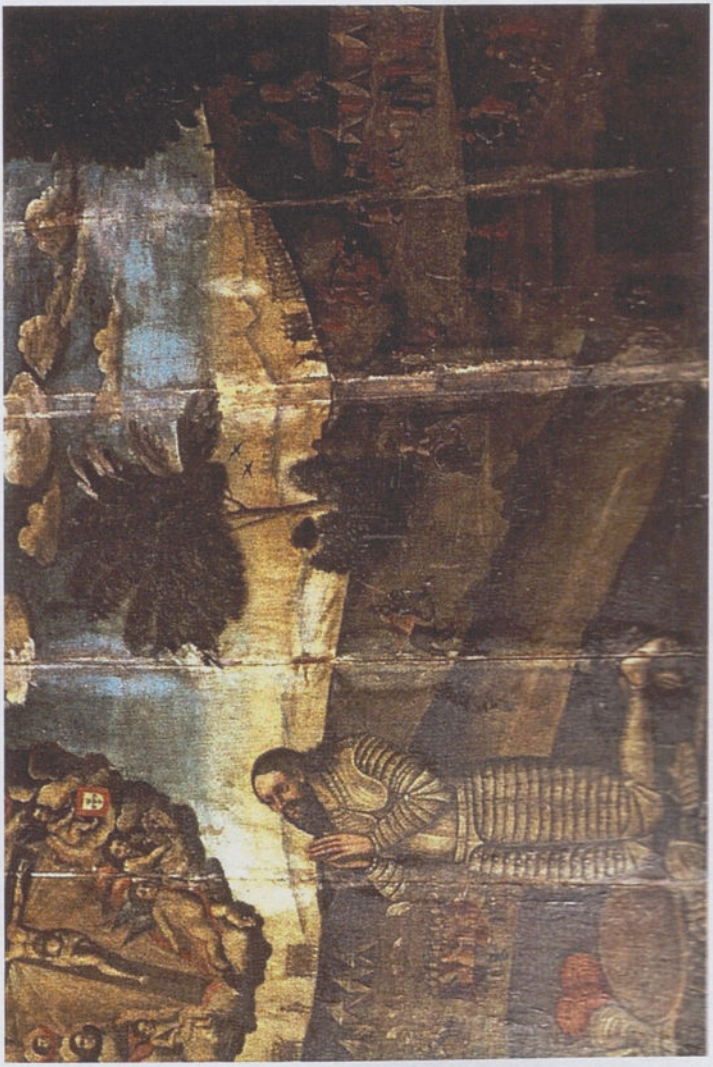

Fig. 3 - Oração de D. Afonso Henriques a Cristo, antes da batalha de Ourique.

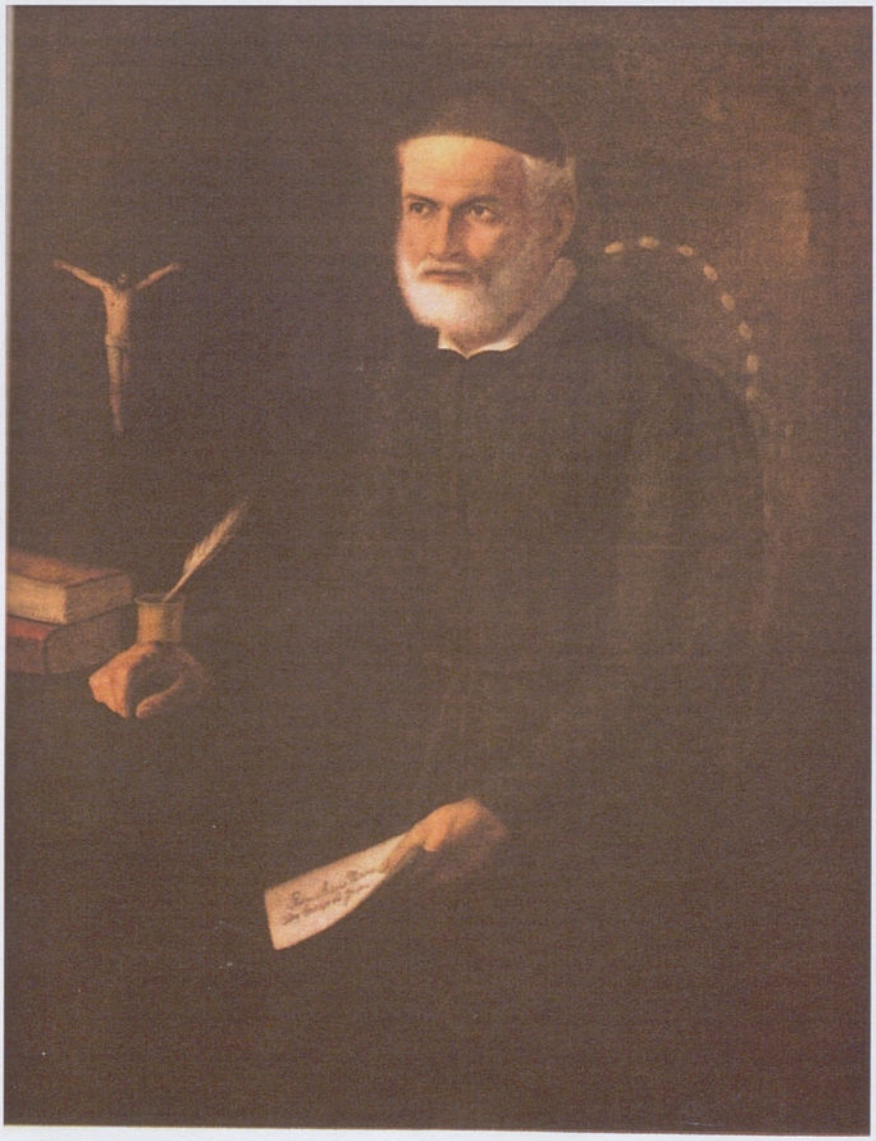

Fig. 4 - Padre António Vieira.

seu nascimento»[19]. Entre outras palavras de encorajamento, o ermitão terá dito estas: *«Vinces, Alphonse, et non vinceris»*[20] (vencerás, Afonso, e não serás vencido).

Numa outra passagem, continua a evocar o mito de Ourique e a glorificar a figura de D. Afonso Henriques, salientando a sua fé e a sua valentia: - «Na manhã, pois, da mesma noite em que tinha recebido a profecia, acomete de fronte a fronte o inimigo, sustenta quatro vezes o peso imenso de todo seu poder, rompe os esquadrões, desbarata o exército, mata, cativa, rende, despoja, triunfa; e, alcançada na mesma hora, a vitória e libertada a Pátria, pisa glorioso as cinco coroas mauritanas e põe na cabeça, já rei, a portuguesa»[21].

Dirigindo-se aos portugueses com palavras arrebatadores, evoca os tempos áureos dos Descobrimentos, nos seguintes termos: - «Portentosas foram antigamente aquelas façanhas, ó Portugueses, com que descobristes novos mares e novas terras, e destes a conhecer o mundo ao mesmo mundo. Assim como líeis então aquelas vossas histórias, lede agora esta minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que haveis de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo: maior Gama, maior Cabo, maior Esperança, maior Império»[22]. Extasiado, remata as referências às grandezas da História de Portugal com as seguintes palavras: - «Esta História será o silêncio de todas as histórias. Os inimigos lerão nela suas ruínas, os émulos suas invejas e só Portugal suas glórias. Tal é a *História*, Portugueses, que vos presento, e por isso na língua vossa»[23].

Para mostrar que Portugal e os Portugueses são o povo eleito de Deus, compara os feitos dos lusitanos aos dos antigos, através das seguintes palavras: - «Não chegaram os Portugueses só às ribeiras do Ganges, como Alexandre; mas passaram e penetraram adiante muito maior comprimento de terras do que há desde o mesmo Ganges à Macedónia,

[19] António Vieira, *História do Futuro,* Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982, pp. 66 e 67.

[20] António Vieira, *ob.cit.*, p. 89.

[21] *Ibidem,* p. 89.

[22] *Ibidem,* p. 54.

[23] *Ibidem.*

donde Alexandre tinha saido». E continua: - «Não venceram só o Poro, rei da India, e seus exércitos, mas sujeitaram e fizeram tributárias mais coroas e mais reinos do que Poro tinha cidades. Não navegaram só o mar Indico ou Eritreu, que é um seio ou braço do Oceano, mas domaram o mesmo Oceano na sua maior largura e profundidade, onde ele é mais bravo e mais pujante, mais poderoso e mais indómito: o Atlântico, o Etiópico, o Pérsico, o Malabárico e, sobre todos, o Sínico, tão temeroso por seus tufões e tão infame por seus naufrágios». E interroga: - «Que perigos não desprezaram? Que dificuldades não venceram? Que terras, que céus, que mares, que climas, que ventos, que tormentas, que promontórios não contrastaram? Que gentes feras e belicosas não domaram? Que cidades e castelos fortes na terra, que armadas poderosíssimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não sofreram e suportaram, sem ceder, sem parar, sem tornar atrás, insistindo sempre e indo avante mais com pertinácia que constância?»[24].

De seguida, procura explicar e justificar estes sucessos sobre-humanos, sublinhando que «não obraram todas estas proezas aqueles Portugueses famosos por benefício só de seu valor, senão pela confiança e seguro de suas profecias. Sabiam que tinha Cristo prometido ao seu primeiro rei que os escolhera para Argonautas apostólicos de seu Evangelho, e para levarem seu Nome e fundarem seu Império entre gentes remotas, estranhas e não conhecidas; e esta fé os animava nos trabalhos, esta confiança os sustentava nos perigos; esta luz do futuro era o Norte que os guiava; e esta esperança a âncora e amarra firme que nas mais desfeitas tempestades os tinha seguros»[25].

A par do momento fundador da Nação Portuguesa na batalha de Ourique e do tempo épico dos Descobrimentos, a gesta que mais tocou e empolgou Vieira foi a da Restauração, talvez porque a viveu intensamente. Não admira, pois, que a ela se refira, nos seguintes termos: «esta última resolução que no ano de quarenta assombrou o mundo, posto que muito a devamos à ousadia do nosso valor, muito mais a deve o nosso valor à confiança de nossas profecias. Que valor sisudo, prudente e bem aconselhado se havia de atrever

[24] *Ibidem*, pp. 89 e 90.
[25] *Ibidem*, p. 90.

a uma empresa tão cercada de dificuldades, como levantar-se contra o mais poderoso monarca do mundo, e restituir-se à sua liberdade, e aclamar o novo rei, não longe, senão dentro de Espanha, um reino de grandeza tão desigual, sobre sessenta anos de cativo e despojado, sem armas, sem soldados, sem amigos, sem aliados, sem assistências, sem socorros, só, e até de si mesmo dividido em tão distantes partes do mundo? Mas como havia outros tantos anos que a profecia estava dando brados aos corações, com que nunca se apagou o amor da Pátria, a saudade do rei e o zelo da liberdade, dizendo e publicando a todos que o desejado tempo dela havia de chegar no ano felicíssimo de quarenta, em que o novo rei seria levantado; a profecia que sempre o conservou nos corações, o levantou a seu tempo nas vozes, e ela foi a que deu o rei ao Reino, o Reino à Pátria, a Pátria aos Portugueses, e Portugal a si mesmo. E este seja entre todos o maior exemplo, assim de nossas guerras como de nossas conquistas, pois tudo o que tínhamos vencido e conquistado em quinhentos anos, alentados das promessas do Céu, o pudemos restaurar em um dia»[26].

Evocando o título completo da sua obra profética, *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo,* interroga: «se o Império esperado, como se diz no mesmo título, é do mundo, as esperanças porque não serão também do mundo, senão só de Portugal?» E apressa-se a dar a resposta: «porque a melhor parte dos venturosos futuros que se esperam e a mais gloriosa deles será não somente própria da Nação portuguesa, senão única e singularmente sua. Portugal será o assunto, Portugal o centro, Portugal o teatro, Portugal o princípio e fim destas maravilhas, e os instrumentos prodigiosos delas os Portugueses»[27].

A *História do Futuro, Esperanças de Portugal e Quinto Império do Mundo,* do Padre António Vieira, é susceptível de várias leituras e interpretações. Vamos concluir, procurando reflectir sobre a seguinte questão: o que é que distingue o Quinto Império do futuro dos quatro impérios do passado?

Na nossa opinião, os quatro impérios antigos e outros que terão existido foram, todos eles, «impérios imperfeitos», isto é, impérios que exerceram a

[26] *Ibidem,* pp. 91 e 92.
[27] *Ibidem,* pp. 53 e 54.

sua soberania apenas sobre uma parte do Mundo, mesmo do velho Mundo então conhecido.

Ora, o novo império, o Quinto Império que Vieira profetiza, é um «Império Perfeito», porque será um Império Universal e Eterno. E define-o, nos seguintes termos: - «Tudo o que abraça o mar, tudo o que alumia o sol, tudo o que cobre e rodeia o céu, será sujeito a este Quinto Império, não por nome ou título fantástico, como todos os que até agora se chamaram Impérios do Mundo, senão por domínio e sujeição verdadeira. Todos os reinos se unirão em um ceptro, todas as cabeças obedecerão a uma suprema cabeça, todas as coroas se rematarão em um só diadema, e esta será a peanha da Cruz de Cristo»[28].

Em conclusão. O que se preconiza é um *Império Universal Cristão*, sob a égide de Portugal, onde impere uma só Fé, uma só Lei e um só Rei.

Pensando bem, fica-nos a sensação de estar próxima a concretização da utopia do Quinto Império. Em boa verdade, o ponto a que chegou, nos nossos dias, o processo da globalização, iniciada e em grande medida protagonizada pelos portugueses há mais de cinco séculos, reclama a criação de sistemas globais, instituições globais, poderes globais. E vai sendo cada vez mais frequente ouvirmos vozes dos quatro cantos do mundo a preconizarem que, a restauração da ordem, só será possível, precisamente através da criação de uma entidade reguladora universal. Não poderá estar no vaticínio dessa entidade universal o ponto de chegada da Utopia do Quinto Império?

[28] *Ibidem*, p. 61.